

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 2 • N.º 4 • OUTUBRO 93

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Europa e Filosofia*

FRANCISCO V. JORDÃO - *A Religião sob o ponto de vista filosófico*

J. ENCARNAÇÃO REIS - *O Riso estético segundo Bergson e Lalo*

JOÃO MARIA ANDRÉ - *O Problema da Linguagem no Pensamento filosófico-teológico de Nicolau de Cusa*

ANSELMO BORGES - *E. Bloch: a Esperança ateia contra a Morte*

EDMUNDO BALSEMÃO PIRES - *Factos sociais. Comunidade e Linguagem - a propósito do livro de Margaret Gilbert, On Social Facts*

FEYERABEND, P. *Adeus à Razão*. Tradução de Maria G. Segurado; revisão de António Fidalgo. Lisboa: Edições 70, 1991. 370 pp.

Feyerabend reúne neste livro uma série de ensaios publicados em épocas diferentes e com estilos diferentes. Apesar de reformulados continuam a manifestar a heterogeneidade da sua proveniência.

O título, *Adeus à Razão*, indica mais uma mensagem simples e difusa do que um conjunto de teses articuladas. Trata-se de um convite a abandonar uma noção de Razão e de Racionalidade concebidas como valor absoluto bem como tudo o que lhe está associado: objectividade, culto acrítico da ciência e, sobretudo, a prática política que lhe está associada. Por outras palavras, estamos perante um texto que apela para uma atitude mais razoável mostrando, através da análise de vários episódios da história do pensamento, a falta de razão de muitas apologias tradicionais da Razão e da Racionalidade ou da Ciência.

O ensaio mais longo de *Adeus à Razão*, "Comentários sobre o relativismo" (29-110) aborda um termo que tem sido frequentemente usado para criticar a posição de Feyerabend. Mais do que defender-se directamente desse tipo de críticas, Feyerabend procura mostrar que não é possível, de facto, encontrar um denominador comum a todas as formas de relativismo historicamente conhecidas. Partindo deste pressuposto, ocupa-se de onze tipos diferentes de relativismo que ele vai numerando e caracterizando sem qualquer preocupação de seguir uma sequência temporal rigorosa e, muito menos, de apresentar uma amostra que permita certo tipo de generalizações. A análise desenvolve-se no sentido de convencer o leitor a afastar-se de qualquer posição dogmática e da tentação de impôr ao outro a sua maneira de pensar e de viver. Feyerabend não se opõe a que cada cidadão procure ser razoável ou objectivo desde que se mantenha dentro dos limites impostos pela sua condição: o que está a ser alvo primordial da crítica é a absolutização de Uma Verdade, Uma Realidade e Um Método Racional. O convite à mudança de atitude está animado pela esperança num mundo "mais pacífico em que a matéria e a vida, os pensamentos e os sentimentos, a inovação e a tradição colaborem para o benefício de todos" (p. 110).

Os restantes onze ensaios desta colectânea podem ser lidos como simples variações sobre este tema básico.

Em *A razão, Xenófanes e os deuses homéricos* (111-125) procura reinterpretar a atitude de Xenófanes perante as tradições do seu tempo e muito particularmente a sua crítica das tradições religiosas no sentido de mostrar que o racionalismo e a ciência não trouxeram só progresso e desenvolvimento à humanidade mas também assinaláveis desvantagens. Entre elas avulta a destruição de povos e culturas com tradições diferentes.

O conhecimento e o papel das teorias (127-152) é outro ensaio de ordem muito geral em que se desenvolvem as teses básicas com particular relevo para o papel daquilo a que M. Polanyi chamou "a dimensão tácita" do saber humano. O que Feyerabend procura sublinhar é o facto de as teorias enquanto configurações discursivas particulares articularem apenas uma parte muito diminuta - por mais importante que ela possa ser sob outros pontos de vista - dos saberes disponíveis. Se perdermos isto de vista, avisa Feyerabend, arriscamo-nos a transformar as epistemologias (ou teorias do conhecimento) em mera(s) defesa(s) acrítica(s) de rotinas intelectuais existentes ou incipientes.

A Criatividade (153-169) é uma dimensão que Feyerabend julga andar muito afastada da compreensão mais corrente da ciência e da própria arte. Quando aparece, neste contexto, é de uma maneira que ele considera de todo inadequada: como uma espécie de dom divino reservado a uma minoria de indivíduos. Inadequada porque, entre outras coisas, mascara a dimensão social e comunitária do saber podendo conduzir, se

incontrolada, a graves problemas de consequências imprevisíveis para grupos, comunidades e para a própria espécie.

Escusado será dizer que as intuições de base subjacentes aos escritos de Feyerabend pressupõem e conduzem, a um tempo, a uma compreensão do *Progresso na filosofia, nas ciências e nas artes* (171-191) bastante diferente das teses mais ortodoxas sobre estes temas. Trata-se de desmontar a ilusão algo ingénua e acrítica num progresso linear e cumulativo: a ilusão que se exprime em frases do tipo, “nós sabemos mais a respeito do mundo do que sabiam as pessoas no tempo de Parménides, Aristóteles, Galileu,....” (190).

Com o título *Banalizar o conhecimento: comentários às excursões de Popper na filosofia* (193-225), Feyerabend faz uma apreciação crítica severa das posições centrais de Popper partindo dos textos do célebre *Postscript à Lógica da Descoberta científica* e do mais recente *Em busca de um mundo melhor*. Começa por uma série de considerações gerais sobre o racionalismo crítico no quadro da filosofia da ciência e da epistemologia da primeira metade deste século a partir da já conhecida distinção entre tradições teóricas e tradições históricas. Num segundo momento, analisa a falsificabilidade proposta por Popper como critério de demarcação (201-211) terminando com uma análise detalhada e devastadora da interpretação Popperiana da teoria dos quanta (211-225).

O ensaio sobre *A teoria da investigação de Mach e a sua relação com Einstein* (227-257) pretende mostrar que E. Mach tinha uma teoria ou compreensão da ciência e da investigação muito mais complexa do que geralmente se julga e que, a justificar-se a aplicação do rótulo “positivista”, então, ele assentaria melhor a Einstein do que a Mach. A moral deste episódio tira-o a próprio Feyerabend numa série de conclusões (255) de entre as quais se destaca a primeira: não se pode confiar cegamente nas versões oficiais/recebidas dos chamados grandes debates/controvérsias. Em aditamento, Feyerabend refere que o facto de se ter descoberto recentemente (Gereon Wolters, Univ. de Constança, 1986) que tanto o prefácio à *Physikalische Optik* como o prefácio à nona edição da *Mechanik* - onde se encontram excertos importantes da crítica à teoria especial da relatividade - terem sido escritos por Ludwig Mach, filho de Ernst Mach, sem o conhecimento deste, não o obriga a reformular nenhuma das afirmações contidas neste ensaio a respeito de Mach e do atomismo.

O ensaio sobre a teoria do contínuo em Aristóteles (*Alguns comentários à teoria da matemática e do contínuo de Aristóteles*, 259-288) é um dos mais interessantes deste volume onde Feyerabend se revela não só possuidor de grande informação factual e textual como crítico severo de ideias feitas que ainda hoje dominam parte da literatura. Veja-se, por exemplo, a crítica da interpretação de G.E.L. Owen (pp. 280-281).

A mesma faceta aparece ainda mais claramente em *Galileu e a tirania da verdade* (289-308). A discussão do papel de Galileu na história da ciência ocupa um lugar central em quase todos os textos de Feyerabend pela simples razão de que se trata de uma das figuras simbólicas paradigmáticas da racionalidade científica moderna. Como toda a obra de Feyerabend pretende repensar esta mesma racionalidade não poderia deixar de discutir o papel de uma das suas figuras inaugurais. Não se trata de negar valor ou importância à obra de Galileu mas antes de apelar para uma leitura histórica rigorosa e desmitologizada do seu papel na história do pensamento.

Em *Putnam e a incomensurabilidade* (309-317) discute a crítica de Putnam em *Razão, verdade e história* onde a posição de Feyerabend é rotulada de relativista e rejeitada por ser, supostamente, uma tese que se refuta a si mesma. Remetendo o leitor interessado para estudos incluídos nos *Philosophical Papers* 1 e 2, Feyerabend conclui este apontamento com algumas observações sumárias sobre a incomensurabilidade contestando, basicamente, a interpretação que Putnam faz na obra citada. Cingindo-se à sua compreensão da incomensurabilidade (deixando, portanto, de lado a posição de Kuhn), Feyerabend sublinha

dois aspectos principais: 1) a incomensurabilidade, em rigor, é um acontecimento raro (316); 2) duas línguas ou teorias incomensuráveis não estão totalmente dissociadas: há um nexo subtil entre as suas “condições de significação plena” (317).

A breve discussão sobre o *Pluralismo cultural ou admirável monotonia nova?* não é reproduzido no volume uma vez que as posições fundamentais defendidas por Feyerabend nessa ocasião (1985) já se encontravam bem explícitas nos restantes ensaios que integram este volume. Reproduz-se apenas uma carta em que ele responde sucintamente a algumas críticas aos seus comentários (320-326).

O ensaio final, *O adeus à Razão* (327-370) que dá o título a este volume contém uma série de reflexões provocadas pela crítica aos seus textos e muito particularmente por uma série de textos polémicos publicados nos dois volumes editados por H.P. Doerr (*Versuchungen*, Ffm, 1980,1981). Muitos destes textos foram recentemente traduzidos em inglês num volume com o título *Beyond Reason. Essays on the Philosophy of P.K. Feyerabend* (Dordrecht: Kluwer, 1991), obra a que fazemos referência neste número da Revista. Aí repete algumas das ideias centrais dos seus trabalhos e se defende de alguns mal entendidos mais frequentes. Assim, quanto ao slogan “vale tudo” (*anything goes*) rejeita a paternidade e a viabilidade de tal dito sintetizar adequadamente as análises de *Contra o Método* e de *Ciência numa Sociedade livre*. Não estaria em causa a busca de uma nova teoria da ciência mas antes contestar radicalmente tal tipo de empreendimento e os pressupostos que lhe estão associados. Em termos concretos, o alvo predilecto da crítica é a compreensão positivista da ciência (e, concomitantemente, da história da ciência, etc) na qual Feyerabend inclui também a perspectiva de Popper e seus discípulos. Responde igualmente àqueles que o acusam de apresentar um “modelo político” demasiado vago e inconsistente. O modelo, diz, tem que ser necessariamente vago para poder “criar espaço” para a liberdade das decisões concretas daqueles que o quiserem aplicar. Em termos muito gerais recomenda uma estrita igualdade das tradições: toda e qualquer proposta “deve ser primeiro verificada pelas pessoas a que se destina; o resultado é imprevisível” (358).

O conjunto de ensaios não satisfará todos os leitores mas será uma boa oportunidade de pensar sobre temas fundamentais da cultura ocidental mesmo que não se partilhe o ponto de vista de Feyerabend que surge no seu melhor quando desce à análise de pormenor de factos e figuras da história do pensamento filosófico e científico.

A tradução portuguesa parece-nos, globalmente, bem conseguida. Chamamos, contudo, a atenção para algumas grialhas, de conseqüências diversas para a leitura do texto, nas páginas 135, 141, 214, 221, 224, 240, 273.

António Manuel Martins

MUNÉVAR, G., *Beyond Reason. Essays on the philosophy of Paul K. Feyerabend*. BPS 132 (Dordrecht: Kluwer, 1991); xxi + 535 pp.

Muitos dos ensaios publicados neste volume já tinham sido editados em alemão por Hans Peter Duerr numa colectânea que reunia uma série de tomadas de posição sobre a filosofia de Feyerabend - de sentidos diferentes - e que contaria, no estilo dos volumes de Schilpp, com a réplica do visado (*Versuchungen: Aufsätze zur Philosophie Paul Feyerabends*, 2 Bde, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1980-1981). Na maior parte dos casos os textos originais mantêm-se com ligeiras alterações para esta versão inglesa designadamente sob a forma de um postscript. É impossível analisar em detalhe a variedade